

6 - O texto poético no estudo das vogais do português antigo

Juliana Simões Fonte
Gladis Massini-Cagliari

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FONTE, JS., and MASSINI-CAGLIARI, G. O texto poético no estudo das vogais do português antigo. In: COSTA, DS., org. *Pesquisas linguísticas pautadas em corpora* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 175-210. ISBN 978-85-68334-41-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

6

○ TEXTO POÉTICO NO ESTUDO DAS VOGAIS DO PORTUGUÊS ANTIGO

*Juliana Simões Fonte*¹

*Gladis Massini-Cagliari*²

Introdução

A proposta deste trabalho é mostrar a contribuição dos textos poéticos no estudo de momentos passados da língua que não deixaram registros orais. Diante dessa proposição, não poderíamos deixar de evocar as palavras de Mattos e Silva (2006, p.37) acerca da relevância dos textos poéticos em determinadas pesquisas linguísticas:

O fato de serem poemas de estrutura formal em versos rimados os torna fundamentais, no que concerne a estudos de história da língua, para o conhecimento de fatos fonéticos desse período, como sejam, por exemplo, questões referentes aos encontros entre vogais (hiatos/ditongos), ao timbre vocálico (abertura/fechamento), vogais e ditongos nasais/orais.

1 Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, *campus* de Araraquara.

2 Professora da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, *campus* de Araraquara.

Neste trabalho, vamos discorrer sobre as vogais tônicas do português antigo, mostrando que as rimas da poesia remanescente de períodos passados da língua podem fornecer pistas satisfatórias sobre a pronúncia da época, principalmente no que se refere à diferença de timbre entre as vogais médias de antanho.

Sabe-se que o sistema vocálico do português atual, em posição tônica, apresenta quatro vogais médias: duas anteriores, /e/ e /ɛ/, e duas posteriores, /o/ e /ɔ/, representadas, na escrita, por apenas dois grafemas, <e> e <o>. No português atual, portanto, a diferença de timbre entre as vogais médias tônicas é fonológica (ex.: *o d/e/do, eu d/ɛ/do, o /o/lho, eu /ɔ/lho*). No que diz respeito ao português antigo, como o sistema de escrita não atribui símbolos distintos para representar vogais médias abertas e fechadas, torna-se indispensável, na pesquisa sobre o timbre vocálico, a consulta às rimas empregadas na poesia de então.

Tendo em conta essa asserção, vamos analisar, no presente estudo, as rimas empregadas em textos poéticos remanescentes dos séculos XIII e XVI, com o intuito de obter informações sobre a realização das vogais médias portuguesas em diferentes períodos da história da língua: a primeira fase do português arcaico (doravante, PA) e o início do português moderno (cf. Leite De Vasconcellos, 1959; Silva Neto, 1956; Coutinho, 1974; Câmara Jr., 1979[1975]).

Como *corpora* para esta pesquisa, foram consideradas as *Cantigas de Santa Maria* (doravante, CSM) de Afonso X, para o século XIII, e *Os Lusíadas* de Camões, para o século XVI.

As CSM foram escritas na segunda metade do século XIII, em galego-português, com o intuito de louvar a Virgem Maria e narrar seus milagres. Não se sabe, ao certo, quem compôs as 420 cantigas que integram os manuscritos remanescentes,³ mas a autoria costuma ser atribuída a D. Afonso X, o Sábio, então rei de Leão e Castela, por ter sido ele o idealizador da obra (cf. Parkinson, 1998). Para

3 São quatro os códices contendo a coleção das CSM: dois deles pertencem à Biblioteca del Monasterio de El Escorial, na Espanha; o terceiro está conservado na Biblioteca Nacional de Madrid; e o último pertence à Biblioteca Nazionale Centrale de Florença (Itália).

Leão (2007, p.21), esse cancionero mariano é “de longe a maior e mais rica coleção produzida nos vernáculos românicos da Idade Média sobre esse tema”.

Os Lusíadas, obra épica de Camões composta por dez cantos e 1102 estrofes, narram a viagem de Vasco da Gama às Índias, em meio a tantas peripécias e infortúnios. Publicada pela primeira vez em 1572, a epopeia camoniana representa um clássico da literatura portuguesa, uma obra-prima que serviu de referência na formação do português padrão, inclusive no que concerne à ortografia da língua (cf. Souza, 2009).

A metodologia adotada neste estudo baseia-se no mapeamento e análise de todas as rimas empregadas nas CSM e em *Os Lusíadas*, que envolvam uma vogal média na sílaba tônica. Tendo em conta que uma única letra pode estar associada a mais de um fonema, analisamos as possibilidades e impossibilidades de rima, nos *corpora* referidos, entre vogais representadas por um mesmo grafema, para chegar aos resultados pretendidos.

Na subseção a seguir, estão apresentados e discutidos os dados obtidos por Fonte (2010), a partir da observação das rimas das CSM. A segunda subseção traz os resultados desta pesquisa referentes à análise das rimas empregadas em *Os Lusíadas*.

As vogais médias nas rimas das *Cantigas de Santa Maria*

Neste item do trabalho, estão indicados os resultados obtidos por Fonte (2010) em sua análise das rimas empregadas nas 420 CSM, de Afonso X. Partindo do rimário das cantigas afonsinas, elaborado por Betti (1997), Fonte (2010) fez um levantamento de todas as rimas envolvendo vogal média na sílaba tônica e, em seguida, investigou a ocorrência de vocábulos que não rimavam entre si, apesar de apresentarem terminações idênticas. A autora verificou, a partir desse trabalho, que algumas terminações podiam claramente ser divididas em dois grupos rimantes.

Segundo Fonte (ibidem), nas CSM, verbos no infinitivo, tais como *comer*, *vencer*, *querer*, *prometer*, *vender* etc., e o substantivo *prazer*, por exemplo, não rimam com alguns verbos irregulares da segunda conjugação, flexionados no futuro do subjuntivo, tais como *disser*, *quiser*, *souber* etc., ou, no caso do verbo *querer*, flexionado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (*quer*), nem com o substantivo *moller* (*mulher*).

Da mesma forma, de acordo com Fonte (ibidem), verbos regulares da segunda conjugação, flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, tais como *prendera*, *prometera*, *vendera* etc., não rimam com alguns verbos irregulares de mesma conjugação, também flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, tais como *dissera*, *trouxera*, *quisera* etc., nem com a forma verbal *era* ou com o substantivo *fera*. O mesmo vale para as formas correspondentes no plural: *encolleran* (*encolheram*) e *meteran* (*meteram*) não rimam com verbos como *poseran* (*puseram*), *fezeran* (*fizeram*), *manteveran* (*mantiveram*) e *eran* (*eram*), por exemplo.

No caso da terminação *-eron*, presente nos verbos de segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, Fonte (ibidem) verificou que formas regulares como *morreron* (*morreram*), *prenderon* (*prenderam*), *perderon* (*perderam*), entre outras, não rimam, nas CSM, com verbos irregulares como *fezeron* (*fizeram*), *quiseron* (*quiseram*) e *disseron* (*disseram*).

Para a terminação *-esse*, presente em verbos flexionados no pretérito imperfeito do subjuntivo, Fonte (2010) também encontrou dois grupos rimantes: um constituído por verbos regulares como *morresse*, *perdesse* e *vivesse*, e outro composto por verbos irregulares como *trouxesse*, *quisesse* e *soubesse*.

Para Fonte (ibidem), a impossibilidade de rima entre os termos acima referidos pode ser interpretada como um indício de que havia, em cada terminação, grafemas idênticos representando fonemas distintos. Corrobora essa interpretação o fato de que, no português atual, verifica-se essa mesma divisão: a vogal tônica, em *comer*, *vencer*, *vendera(m)*, *prometera(m)*, *encolheram*, *morresse*, é

fechada (/e/), enquanto que, em *disser, quiser, quer, dissera, era, trouxera(m), fizeram, quisesse*, é aberta (/ɛ/).

Os dados de Fonte (ibidem) apontam, pois, para uma semelhança entre o sistema vocálico do século XIII e o sistema vocálico do português atual, pelo menos no que diz respeito às vogais tônicas da língua. Por meio dessa pesquisa, a autora confirmou, para a primeira fase do PA, uma distinção de timbre entre as vogais médias, em posição acentuada.

Por outro lado, vale observar que Fonte (ibidem) também constatou algumas diferenças entre o galego-português e o português atual. A autora registrou, no *corpus* analisado, a ocorrência de rima entre termos que apresentam, no português de hoje, vogais tônicas diferentes, em termos fonológicos. Da mesma forma, a estudiosa registrou a impossibilidade de rima entre terminações que apresentam exatamente os mesmos fonemas, no português atual. Compõem o primeiro caso as terminações *-eja, -ela* e *-essa*, entre as vogais médias anteriores, e as terminações *-ogo, -or* e *-osa*, entre as vogais médias posteriores. A terminação *-eu(s)* integra o segundo caso. Ao investigar a origem latina da vogal tônica presente em cada uma das terminações, Fonte (ibidem) constatou que todos esses casos de rima poderiam ser explicados historicamente.

No caso da terminação *-eu*, a autora verificou que pronomes como *eu, meu, seu* e *teu*, além do substantivo *judeu*, rimam entre si, nas CSM, mas jamais aparecem rimando com verbos de segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo,⁴ tais como *morreu, veio* etc., ou com o substantivo *sandeu*. A impossibilidade de rima entre esses vocábulos que, no português atual, apresentam terminações idênticas, em termos fonológicos, indica que, no século XIII, a situação era outra. De fato, a etimologia dos pronomes *eu* (lat. *ĕgo*) e *meu* (lat. *mĕu*), por exemplo, assim como a do substantivo *judeu* (lat. *iudaeu*), leva-nos a acreditar que, nos primórdios da língua, a vogal média desses termos era

4 O verbo *dar*, de primeira conjugação, quando flexionado na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (*deu*), é o único que aparece rimando, nas CSM, com os pronomes *eu, meu, teu* etc.

aberta (/ɛ/), já que, de acordo com a regra de substituição do sistema vocálico latino pelo português, fartamente descrita pelas gramáticas históricas e manuais de Filologia da língua, *ĕ* e *ae* latinos originaram, no português, uma vogal média aberta, na posição tônica.

É importante lembrar que estudiosos como Williams (1975[1938], p.45), Silva Neto (1952, p.413) e Cunha (1985; 1991) já haviam considerado a possibilidade de esses termos apresentarem, no português antigo, timbres vocálicos diferentes do atual. Os dados de Fonte (2010) confirmam, portanto, a hipótese levantada por estudos anteriores de que houve, ao longo da história da língua, uma mudança no timbre vocálico dos termos referidos. O trabalho da autora mostra, ainda, que a forma plural desses termos (*meus*, *teus*, *seus*, *judeus* etc.) aparece rimando, nas CSM, com o substantivo *Deus* (lat. *dĕus*) – o que nos permite incluir mais um caso de mudança de timbre vocálico, entre os dados já mencionados.

Fonte (ibidem) também registrou, nas CSM, em alguns poucos casos, o emprego da terminação *-eo* em verbos de segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (ex.: *viveo*, *recebeo*, *comeo*, *meteo*). A pesquisadora verificou que esses verbos rimam entre si, nas cantigas medievais religiosas, mas jamais aparecem rimando com termos como *ceo* (*céu*) e *veo* (*véu*), por exemplo.

O outro caso de mudança observado por Fonte (ibidem) envolve a terminação *-eja*. De acordo com a autora, o substantivo *inveja* (lat. *invidia*) rima, nas cantigas afonsinas, com os verbos *seja* e *deseja*. Tomando como base a regra de substituição das vogais latinas pelas portuguesas, segundo a qual *ĭ* latino originou, no português, uma vogal média fechada (/e/), a pesquisadora infere que, no século XIII, o substantivo *inveja* era pronunciado com uma vogal média fechada (/e/), que se teria tornado aberta, ao longo da história da língua, por influência do *-a* átono final.⁵

5 Segundo Mateus e Andrade (2000, p. 19), na variedade padrão de Lisboa, [e] sempre substitui [ɛ] tônico e, por vezes, [ɛ], diante de consoante palatal na sílaba seguinte (ex.: *telha* [ˈtɛɫɐ], *abelha* [ˈɐbɛɫɐ], *velha* [ˈvɛɫɐ], *fecho* [ˈfɛʃu], *cereja* [siˈɾɛʒɐ], *senha* [ˈsɛɲɐ], *venho* [ˈvɛɲu]).

Os dados de Fonte (ibidem) sugerem, ainda, que também a vogal média anterior presente no pronome demonstrativo *essa* (lat. *īpsa*) e no substantivo *promessa* (lat. *promīssa*) era pronunciada, no século XIII, com um timbre diferente do atual. Segundo a autora, esses termos aparecem rimando, nas CSM, com *abadessa* e *condessa*. A mudança, nesse caso, também teria sido provocada, ao que tudo indica, pela influência da vogal átona final.

Com relação à terminação *-ela*, Fonte (ibidem) mostra que os pronomes *ela* (lat. *illa*) e *aquela* (lat. *eccu illa*), assim como o substantivo *donzela* (lat. *domnicilla*), rimam, nas CSM, com formas verbais acompanhadas de clíticos (o pronome pessoal átono *a*) tais como: *vencê-la*, *movê-la*, *prendê-la*. Diante dessa possibilidade de rima, e tomando como base a origem histórica da vogal média, em cada termo, a autora considerou a hipótese de esses vocábulos serem pronunciados com um timbre vocálico diferente do atual no século XIII (ex.: /e/la, aqu/e/la, donz/e/la). Por outro lado, como esses termos também aparecem rimando, no *corpus* referido, com vocábulos como *bela* (lat. *bēllus*) e *capela* (lat. *capēlla*), por exemplo, Fonte (ibidem) reconsiderou a hipótese, fazendo algumas ressalvas. Talvez seja o caso de dizer que, naquele momento da língua, ocorriam as duas pronúncias (com [e] e com [ɛ]), e que essa variação seria o reflexo de uma mudança em curso que originou o timbre vocálico atual desses termos.

No tangente às terminações com vogal média posterior, merece destaque o caso dos adjetivos comparativos *melhor* (lat. *meliōre*), *pior* (lat. *peiōre*), *maior* (lat. *maiōre*) e *menor* (lat. *minōre*), que rimam, nas CSM, conforme mostram os dados de Fonte (ibidem), com termos como *amor* e *senhor*, entre outros, cuja vogal média, na posição tônica, é fechada. Nesse mesmo grupo rimante, estão incluídos o substantivo *redor* e seus derivados (ex.: *arredor*, *derredor*). Novamente, baseando-se na origem histórica de cada termo, Fonte (ibidem) sugere que a vogal tônica, presente em *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*, *redor*, *derredor* e *arredor*, era fechada, no século XIII, já que *ō* latino originou, no português, uma vogal média fechada, segundo a regra de substituição das vogais latinas pelas portuguesas.

Estudos anteriores (cf. Silva Neto, 1952; Nunes, 1960; Coutinho, 1974; Ramos, 1985) já haviam considerado a possibilidade de a vogal tônica desses termos ter alterado seu timbre, no decorrer da história da língua. Mais uma vez, portanto, os dados de Fonte (2010) confirmaram a hipótese levantada pelos trabalhos precedentes.

Afiança essa hipótese o fato de o galego atual preservar a pronúncia com vogal tônica fechada para os adjetivos referidos: *mai[o]r*, *mell[o]r*, *men[o]r* e *pe[o]r* (cf. *Diccionario de pronuncia da lingua galega*). Pronúncia que também ocorre, ainda hoje, em determinadas variedades do PE.

Outro possível caso de mudança apontado por Fonte (2010) envolve o sufixo *-osa*, presente em adjetivos como *gloriosa* e *formosa*. A autora registrou, nas CSM, rima entre esses adjetivos e o substantivo *esposa*. Sabendo que a vogal média da terminação *-osa*, nesses vocábulos, é proveniente de *ō* latino, que originou, no português, uma vogal média fechada, as gramáticas históricas e os manuais de filologia da língua citam os adjetivos referidos, cuja vogal tônica é aberta, no português atual, como casos que representam uma exceção à regra de substituição das vogais latinas pelas portuguesas. Para Williams (1975[1938], p.51) e Coutinho (1974, p.105), a vogal média aberta, nesses adjetivos, explica-se pela influência da vogal átona final, que é responsável pela marcação do gênero feminino, nesses termos. Ramos (1985, p.92), por sua vez, acredita que, no PA, a vogal média desses adjetivos era fechada e que a mudança teria ocorrido somente por volta do século XVI. Os dados de Fonte (2010) levam-nos a acreditar que, de fato, no século XIII, a forma feminina de adjetivos como *formoso*, *glorioso*, *maravilhoso* etc. ainda não havia passado pelo processo de transformação que tornou aberta sua vogal média posterior, em posição acentuada.

Vale comentar que, também para esses adjetivos terminados em *-osa*, o galego atual, ao contrário do português, mantém a pronúncia com vogal tônica fechada: *ferm[o]sa* e *glori[o]sa*, por exemplo (cf. *Diccionario de pronuncia da lingua galega*).

Há que se mencionar, ainda, o caso do substantivo *jogo* (lat. *jōcu*), que aparece rimando, nas cantigas afonsinas, tanto com o

advérbio *logo* (lat. *lōcu*), quanto com o substantivo *fogo* (lat. *fōcu*), conforme revelam os dados de Fonte (2010). A pronúncia atual dos substantivos *jogo* e *fogo* também vai de encontro à regra de substituição das vogais latinas pelas vogais portuguesas, que determina que *ō* latino originou, no português, uma vogal média aberta, na posição acentuada. A explicação para o fechamento da vogal média, nesses casos, é baseada no processo tradicionalmente conhecido como metafoia,⁶ que atribui o fechamento da vogal média à influência da vogal átona final *-o*. De acordo com Fonte (ibidem), as rimas das CSM permitem-nos inferir que, na língua falada pelos trovadores, a vogal tônica desses termos ainda era aberta, não tendo ocorrido, naquele momento, o processo de metafoia que, a propósito, não alterou a pronúncia da vogal tônica do advérbio *logo*, que continua aberta no português atual.

Os dados de Fonte (ibidem), apresentados até aqui, constituem um testemunho importante do sistema vocálico, em posição acentuada, vigente na época dos trovadores. Por meio da análise das rimas das CSM, a autora fornece-nos um quadro geral referente à pronúncia das vogais médias tônicas, no século XIII.

A fim de obter informações sobre as vogais tônicas do século XVI e estabelecer, assim, uma comparação entre dados do PA e os dados do português moderno, analisamos, na subseção a seguir, as rimas empregadas em *Os Lusíadas*.

As vogais médias nas rimas de *Os Lusíadas*

Na presente subseção, estão arrolados os dados desta pesquisa referentes ao mapeamento e análise das rimas empregadas em *Os*

6 Os estudiosos classificam a metafoia como um processo assimilatório responsável pela mudança de timbre da vogal tônica por influência de uma vogal átona final. Para Xavier e Mateus (1990, p.245), o processo de metafoia corresponde à mudança, no timbre da vogal tônica, por assimilação ao timbre de um segmento vocálico ou semivocálico contíguo.

Lusíadas, de Camões. Esses dados foram obtidos a partir do rimário da obra épica de Camões, elaborado por Souza (1948).

Primeiramente, fizemos um levantamento, no rimário referido, de todas as rimas de *Os Lusíadas* envolvendo vogal média, na sílaba tônica. Em seguida, analisamos as possibilidades e impossibilidades de rima entre os vocábulos com terminação idêntica. Nesse ponto da pesquisa, deparamo-nos com uma certa dificuldade em dividir as terminações em dois grupos rimantes. Em *Os Lusíadas*, ao contrário do que vimos para as CSM, não se verifica uma nítida separação entre vocábulos de terminação idêntica que não rimam entre si. Registramos, assim, nos versos de Camões, diversos casos de rima entre termos que, no português atual, apresentam fonemas vocálicos diferentes na sílaba tônica. Também ao contrário do que observou Fonte (2010), em seus dados do século XIII, a etimologia não explica, na maior parte dos casos, a possibilidade de rima no português antigo.

Para a terminação *-er*, por exemplo, registramos, em *Os Lusíadas*, rima entre as formas verbais *disser* (futuro do subjuntivo), *dizer* (infinitivo) e *saber* (infinitivo):

(01)

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
 He não poder mentir no que *disser*,
 Porque de feitos tais, por mais que diga,
 Mais me ha de ficar inda por *dizer*:
 Mas porque nisto a ordem leve e siga,
 Segundo o que desejas de *saber*.
 (Canto III, 5^a estrofe)

Também registramos, na obra épica de Camões, diversos casos de rima entre formas verbais regulares e irregulares que, no português atual, apresentam vogais médias diferentes na sílaba tônica. Vejamos alguns exemplos envolvendo a terminação *-era*, em verbos flexionados no pretérito mais-que-perfeito do indicativo e no substantivo *fera*:

(02)

Não he o outro que fica tão manhoso:
 Mas nas mãos vay cair do Lusitano,
 Sem o rigor de Marte furioso,
 E sem a furia horrenda de Vulcano,
 Que como fosse debil e medroso,
 Da pouca gente o fraco peito humano:
 Não teve resistencia, e se a *tivêra*,
 Mais dão resistindo *recebêra*.
 (Canto II, estrofe 69)

(03)

Cinco vezes a Lũa se *escondêra*,
 E outras tantas mostrâra cheio o rosto,
 Quando a Cidade entrada se *rendêra*,
 Ao duro cerco, que lhe estava posto.
 Foy a batalha tam sanguina e *fera*,
 Quanto obrigava o firme prosuposto:
 De vencedores asperos, e ousados,
 E de vencidos, ja desesperados.
 (Canto III, estrofe 59)

(04)

Mas a fermosa armada, que *viera*
 Por contraste de vento, aaquella parte
 Sancho quis ajudar na guerra *fera*,
 Ia que em serviço vay, do Sancto Marte
 Assi como a seu pay *acontecêra*,
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
 Do Germano ajudado Silves toma,
 E o bravo morador destrue e doma.
 (Canto III, estrofe 88)

Para a terminação *-erão*, correspondente ao nosso *-eram* atual, também registramos, n'Os *Lusíadas*, rima entre verbos regulares e irregulares, conforme exemplificado a seguir:

(05)

Cessem do sabio Grego, e do Troyano,
 As navegações grandes que *fizerão*:
 Callese de Alexandro, e de Trajano,
 A fama das victorias que *tiverão*,
 A quem Neptuno, e Marte *obedecerão*:
 Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
 Que outro valor mais alto se alevanta.
 (Canto I, 3º estrofe)

(06)

E como por toda Affrica se soa,
 Lhe diz, os grandes feitos que *fizerão*,
 Quando nella ganharão a coroa
 Do Reino, onde as Hesperidas *viverão*:
 E com muitas palavras apregoa,
 O menos que os de Luso *merecerão*:
 E o mais que pela fama o Rei sabia:
 Mas desta sorte o Gama respondia.
 (Canto II, 103ª estrofe)

(07)

A gente que esta terra possuya
 Posto que todos Etiopes *erão*,
 Mais humana no trato parecia
 Que os outros, que tão mal nos *receberão*:
 Com bailos e com festas de alegria
 Pella praya arenosa a nos *vierão*,
 As molheres consigo e o manso gado
 Que apacentavão, gordo e bem criado.
 (Canto V, estrofe 62)

(08)

Os cabellos da barba, e os que decem
 Da cabeça nos ombros, todos *erão*,
 Hüs limos prenhes dagoa, e bem parecem

Que nunca brando pentem *conhecerão*:
 Nas pontas pendurados não falecem
 Os negros Misilhões, que ali se *gerão*,
 Na cabeça por gorra tinha posta
 Hũa muy grande casca de Lagosta.
 (Canto VI, 17ª estrofe)

(09)

Os ventos erão tais, que não *poderão*
 Mostrar mais força dimpeto cruel,
 Se pera derribar então *vierão*
 A fortissima torre de Babel:
 Nos altissimos mares, que *crescerão*,
 A pequena grandura dhum batel,
 Mostra a possante nao, que move espanto
 Vendo que se sostem nas ondas tanto.
 (Canto VI, 74ª estrofe)

Encontramos também, na obra épica de Camões, rima entre verbos regulares e irregulares com terminação *-esse(m)*, flexionados no pretérito do subjuntivo, tais como *sometesse (submetesse)*, *vivesse*, *recebesse*, *tivesse*, *viesse* e *podesse (pudesse)*, por exemplo. Além dos verbos, integra o grupo rimante de terminação *-esse* o substantivo *interesse*, como mostram as rimas a seguir:

(10)

Ja quiseram os Deoses que *tivesse*,
 O Filho de Filipo nesta parte,
 Tanto poder, que tudo *sometesse*
 Debaixo do seu jugo, o fero Marte:
 Mas asse de soffrer que o Fado *desse*;
 A tam poucos tamanho esforço, e arte
 Queu co gram Macedonio, e Romano,
 Demos lugar ao nome Lusitano?
 (Canto I, 75ª estrofe)

(11)

Nem creais Nimphas nam que fama *desse*
 A quem ao bem comum, e do seu Rei
 Anteposer seu proprio *interesse*:
 Imigo da divina e humana ley,
 Nenhum ambicioso, que *quisesse*
 Subir a grandes cargos, cantarey,
 So por poder com torpes exercicios
 Vsar mais largamente de seus vicios.
 (Canto VII, 84^a estrofe)

(12)

Por que se eu de rapinas so *vivesse*
 Vndivago, ou da patria desterrado,
 Como cres que tão longe me *viesse*,
 Buscar assento incognito e apartado?
 Por que esperanças, ou por que *interesse*,
 Viria esprimentando o mar yrado,
 Os Antarticos frios, e os ardores
 Que sofrem do Carneyro os moradores?
 (Canto VIII, 67^a estrofe)

(13)

Por ella o solta, crendo que ali tinha
 Penhor bastante, donde *recebesse*
 Interesse maior do que lhe vinha,
 Se o Capitão mais tempo *detivesse*:
 Elle vendo que ja lhe nam convinha
 Tornar a terra, porque nam *podesse*
 Ser mais retido, tendo aas naos chegado
 Nellas estar se deixa descansado.
 (Canto VIII, 95^a estrofe)

(14)

Quantos montes então, que derribarão
 As ondas que batião denodadas,

Quantas arvores velhas arrancarão
 Do vento bravo as furias indinadas:
 As forçosas raizes não cuidarão
 Que nunca pera o ceo fossem viradas,
 Nem as fundas arêas que *podessem*
 Tanto os mares que encima as *revolvessem*.
 (Canto VI, 79ª estrofe)

(15)
 Porem como a esta terra entam *viesses*,
 De la do feyo Arabico outras gentes,
 Que o culto Mahometico *trouxessem*,
 No qual instituirão meus parentes,
 Succedeo que pregando *convertessem*
 O Perimal, de sabios e elloquentes,
 Fazem lhe a ley tomar com fervor tanto,
 Que prosupos de nella morrer sancto.
 (Canto VII, 33ª estrofe)

Há que se mencionar, ainda, as rimas de *Os Lusíadas* envolvendo verbos regulares e irregulares no futuro do subjuntivo, flexionados na segunda e terceira pessoas do plural (terminações *-erdes* e *-erem*, respectivamente). Vejamos os exemplos a seguir:

(16)
 Rei tendes tal, que se o valor *tiverdes*
 Igual ao Rei que agora alevantastes,
 Desbaratareis tudo o que *quiserdes*,
 Quanto mais a quem ja desbaratastes:
 E se com isto em fim vos não *moverdes*,
 Do penetrante medo que tomastes,
 Atay as mãos a vosso vão receio,
 Que eu so resistirey ao jugo alheio.
 (Canto IV, 18ª estrofe)

(17)

E porque he de vassalos, o exercicio,
 Que os membros tem regidos da cabeça,
 Não quereras, pois tês de Rei o officio,
 Que ninguem a seu Rei desobedeça:
 Mas as merções, e o grande beneficio,
 Que ora acha em ti, promete que conheça
 Em tudo aquillo que elle e os seus *poderem*,
 Em quanto os rios pera o mar *correrem*.
 (Canto II, 84^a estrofe)

No caso da terminação *-este*, ocorre, no Canto VI de *Os Lusíadas*, rima entre *celeste*, *deste* (verbo *dar*) e *defendeste* e, no Canto X, o pronome *este* (em contração com a preposição *de*) aparece rimando com as formas verbais *naceste* (*nasceste*) e *fizeste*:

(18)

Divina guarda, angelica, *celeste*,
 Que os ceos, o mar e terra senhoreas,
 Tu que a todo Israel refugio *deste*
 Por metade das agoas Eritreas:
 Tu que livraste Paulo e *defendeste*
 Das Syrtes arenosas e ondas feas,
 E guardaste cos filhos o segundo
 Povoador do alagado e vacuo mundo.
 (Canto VI, 81^a estrofe)

(19)

Nem tu menos fugir poderas *deste*,
 Posto que rica, e posto que assentada
 La no gremio da Aurora, onde *naceste*,
 Opulenta Malaca nomeada:
 As setas venenosas que *fizeste*,
 Os Crises com que ja te vejo armada,
 Malaios namorados, Iaos valentes
 Todos faras ao Luso obedientes.
 (Canto X, 44^a estrofe)

Os exemplos apontados acima já são suficientes para manifestar as diferenças entre as rimas do século XIII e as rimas do século XVI. No item anterior, referente às rimas das CSM, mostramos que, nas cantigas afonsinas, formas verbais regulares, como *comer*, *vencer*, *vendera*, *prometera*, *encolheram*, *morresse*, entre outras, não rimam com formas verbais irregulares como *disser*, *quiser*, *quer*, *dissera*, *era*, *fizeram* e *quisesse*, por exemplo.

Sabe-se que, no português atual, verbos irregulares como *dar*, *estar*, *caber*, *dizer*, *fazer*, *haver*, *poder*, *querer*, *saber*, *ter*, *trazer*, *pôr* e *vir*, em determinadas pessoas do pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo, apresentam uma vogal média aberta (/ɛ/), na sílaba tônica, diferente, portanto, da vogal média fechada (/e/), presente na sílaba acentuada de verbos regulares de segunda conjugação (ex.: *aprender*, *beber*, *comer*, *conhecer*, *correr*, *descer*, *entender*, *esquecer*, *falecer*, *meter*, *morrer*, *perder* etc.), flexionados nas formas correspondentes. Temos, assim, no português atual, para o verbo *fazer*, por exemplo, formas com vogal média aberta, na sílaba acentuada, como em *fiz/ɛ/ste(s)*, *fiz/ɛ/ra(s)*, *fiz/ɛ/ramos*, *fiz/ɛ/reis*, *fiz/ɛ/ram*, *fiz/ɛ/sse(s)*, *fiz/ɛ/ssemos*, *fiz/ɛ/sseis*, *fiz/ɛ/ssem*, *fiz/ɛ/r(es)*, *fiz/ɛ/rmos*, *fiz/ɛ/rdes*, *fiz/ɛ/rem*, ao passo que, para os verbos regulares, como *vencer*, a vogal tônica é sempre fechada: *venc/e/ste(s)*, *venc/e/ra(s)*, *venc/e/ramos*, *venc/e/reis*, *venc/e/ram*, *venc/e/sse(s)*, *venc/e/ssemos*, *venc/e/sseis*, *venc/e/ssem*, *venc/e/r(es)*, *venc/e/rmos*, *venc/e/rdes* e *venc/e/rem*.

As estrofes de *Os Lusíadas*, apontadas anteriormente, mostraram que ocorre, nos versos de Camões, rima entre muitas das formas verbais regulares e irregulares referidas acima. Se ignorássemos os dados do século XIII, apresentados na subseção anterior, poderíamos interpretar essas rimas de Camões como um indício de que a diferença de timbre entre as vogais tônicas dessas formas verbais (regulares e irregulares) é recente no português. Contudo, as rimas das CSM sugerem que, na primeira fase do PA, as formas verbais regulares e irregulares em questão já não apresentavam o mesmo fonema vocálico na sílaba acentuada.

Para aprofundarmos a discussão sobre as diferenças entre as rimas empregadas em cada obra, cumpre apresentar os demais dados obtidos nesta pesquisa. Arrolamos, a seguir, outros exemplos de rima, em *Os Lusíadas*, entre termos que, no português atual, apresentam fonemas vocálicos distintos na posição acentuada. Em (20), estão indicadas as rimas envolvendo vogal média anterior e, em (21), as terminações com vogal média posterior:

(20)

fê/crê/dê (I-63)

cabeça/começa/floreça (III-20)

faleça/começa/peça (VIII-78)

começa/cabeça/conheça (X-123)

começão/adereção/conheção (V-25)

peças/favoreças (X-118)

leda/seda/arremeda (II-93)

seda/veda/leda (II-96)

queda/leda (IX-67)

cega/nega/achega (II-98)

chega/nega/regá (V-7)

chegão/navegão (I-32)

navegão/chegão/regão (IV-62)

sosego/Mondego/cego (III-80)

sosego/cego/Mondego (III-120)

cego/Mondego/navego (VII-78)

enveja/deseja (I-39)

veja/Beja/deseja (III-76)

pelleja/deseja/enveja (V-93)

enveja/seja (VI-55)

enveja/seja/veja (X-113)

veja/enveja (X-156)

bella/nella/estrella (I-33)

Palmella/estrella/della (III-65)

Castella/socorrella ⁷ (III-99)
donzella/vencella/della (III-127)
estrella/della/bella (V-14)
Castella/estrella/nella (VI-47)
perdella/della (VI-83)
Castella/nella/estrella (VIII-25)
Estrella/Castella/bella (VIII-29)
della/estrella/donzella (IX-81)
dellas/vellas/estrellas (V-23)
bellas/estrellas (VI-87)
Caravellas/cometellas (X-18)
aquelle/elle/pelle (V-28)
aquelle/Hele/impelle (VI-63)
aquelle/pelle/nelle (IX-23)
velha/aparelha/ovelha (III-131)
aparelha/velha/aconselha (IX-50)
velho/conselho/aparelho (I-82)
velho/aparelho/vermelho (III-75)
conselho/velho/aparelho (IV-76)
velho/espelho (VIII-13)
zelo/amarelo (X-62)
regelos/Vasconcelos (IV-24)
cabellos/amarelos (V-39)
bellos/cabellos (V-55)
bellos/cabellos/amarelos (IX-56)
perde/verde (III-52, V-7)
perdes/verdes/quiserdes (IX-59)
receberes/poderes/quiseres (VI-15)
pareceres/poderes/quiseres (VIII-60)

7 A grafia dos dados corresponde exatamente à que foi empregada na primeira edição (1572) de *Os Lusíadas*, ou seja, não há adaptações ortográficas. Por isso, a grafia adotada para as formas verbais acompanhadas de clíticos não corresponde à grafia atual, nos dados arrolados acima: *socorrella* (*socorrê-la*), *vencella* (*vencê-la*), *perdella* (*perdê-la*), *regelos* (*regê-los*) etc.

enxerga/verga/erga (X-78)
eterno/governo/Inverno (I-28)
eterno/governo/moderno (VI-52)
ferro/erro/desterro (III-128)
ferro/desterro (VII-24)
ferro/erro/desterro (X-53)
temerte/converte (VI-89)
desconcerto/aperto/perto (III-138)
Portuguesa/defesa/pesa (I-90)
Teresa/pesa/defesa (III-34)
Portuguesa/empresa/pesa (III-41)
Inglesa/acesa/pesa (VI-44)
presa/pesa (IX-80)
Princesas/desprezas/estranhezas (III-122)
Meneses/Portugueses/reveses (X-104)
bestas/florestas/sestas (IX-67)
celeste/este (III-73)
celeste/deste/defendeste (VI-81)
Planeta/Meta/secreta (II-1)
inquieta/Mahometa/Planeta (III-19)
meta/secreta/preta (V-27)
penetras/letras (III-13)
treva/leva/atreva (V-30)
leva/escreva/treva (IX-15)
teve/atreve/leve (III-22)
teve/deve/breve (III-26)
leve/teve/neve (VI-43)
teve/leve/breve (VI-52)
atreve/deve/teve (VIII-32)
nobreza/preza/pureza (II-75)
Veneza/preza (II-97)
certeza/despreza/grandeza (III-29)
despreza/fortaleza/destreza (III-112)
certeza/pureza/preza (X-121)
Princesas/desprezas/estranhezas (III-122)

- (21)
- toda/roda/noda* (III-17)
- roda/noda/toda* (VII-60)
- todas/vodas/rodas* (X-74)
- todo/modo* (II-58)
- todo/modo* (VII-59)
- modos/todos* (VI-12, VI-15, 50)
- fogo/jogo/logo* (IV-39)
- logo/fogo* (VI-34, 63)
- logo/Diogo/rogo* (VIII-94)
- fogo/logo/jogo* (X-19)
- valor/milhor* (III-18)
- amor/maior* (III-31)
- senhores/milhores* (II-46)
- milhores/amores* (VI-40)
- temores/mayores/antecessores* (VI-95)
- pescadores/moradores/milhores* (VII-16)
- menores/corrutores* (VIII-40)
- milhores/regedores* (VIII-52)
- mercadores/milhores/trabalhadores* (IX-10)
- sabores/milhores/amores* (IX-58)
- moradores/cores/milhores* (X-97)
- senhores/mayores* (X-114)
- habitadores/peccadores/milhores* (X-121)
- Aurora/vencedora/chora* (I-14)
- guardadora/fora* (I-102)
- senhora/vencedora/adora* (II-51)
- fora/fora/senhora* (III-95)
- fora/mora/vencedora* (VII-1)
- agora/adora/fora* (VII-32)
- fora/Aurora/Flora* (IX-61)
- caçadora/fora/mora* (IX-73)
- fora/vencedora* (X-31)
- horas/roubadoras/moradoras* (I-78)
- pastoras/senhoras/horas* (IX-35)
- desacordo/bordo/acordo* (VI-72)

choro/sonoro/coro (V-60)
morre/corre/torre (IV-5)
torre/morre (VIII-97)
sorte/morte/corte (IV-86)
corte/sorte (VI-7)
corte/sorte/forte (VI-60)
vos/avôs/pos (IV-17)
esposa/fermosa/preciosa (VI-21)
temerosas/esposas/bellicosas (IV-26)
esposas/desditosas (IV-44)
amorosas/rosas (VI-86)
rosas/fermosas/amorosas (IX-41)
rosas/fermosas (IX-68)
fermosas/deleitosas/esposas (IX-84)
fosse/posse (III-25)
posso/vosso/grosso (I-15)
posso/Colosso/grosso (V-40)
posta/Lagosta (VI-17)
postos/sottopostos/desgostos (V-58)
Piloto/noto/immoto (II-28)
nova/prova/mova (X-14)
mova/prova/nova (X-112)

Conforme se pode notar, algumas das rimas arroladas acima também ocorreram nas CSM – e são justamente as que Fonte (2010) procurou justificar por meio da origem histórica de cada termo (ex.: *inveja, jogo, fogo, maior, melhor* etc.). Merece destaque, entre esses dados, o caso da terminação *-osa*. Os exemplos arrolados em (21) mostram que, na obra de Camões, os adjetivos terminados em *-osa(s)*, tais como *fermosa* e *preciosa*, rimam tanto com o substantivo *esposa*, como nas CSM, quanto com o substantivo *rosa* (lat. *rōsa*).⁸

8 Todas as informações sobre a origem histórica das palavras, neste trabalho, são baseadas nos dicionários de Corominas (1980-1991), Cunha (2000) e Saraiva (2006).

Diante dos dados arrolados acima, somos levados a acreditar que, no século XVI, ocorriam as duas pronúncias (com ô e com ó), para a terminação *-osa* desses adjetivos. Essa variação, registrada nas rimas de *Os Lusíadas*, estaria denunciando, assim, uma mudança em curso, no português quinhentista, que viria a se consolidar posteriormente.

Conforme já mencionado neste trabalho, o recurso à origem histórica das vogais tônicas explica somente algumas das rimas arroladas em (20) e (21). Além das rimas envolvendo as terminações *-eja*, *-ogo* e *-or*, também registradas nas CSM, a etimologia consegue justificar pouquíssimos casos de rima, nos versos de Camões, como aquele envolvendo a terminação *-osso*, por exemplo, já que a rima entre *posso*, *vosso* e *grosso* poderia ser justificada a partir da origem histórica da vogal tônica do adjetivo *grosso*, proveniente do latim *grōssus*. Sabendo que *ō* latino originou, no português, uma vogal média aberta (/ɔ/), na sílaba acentuada, poderíamos admitir a possibilidade de, no século XVI, a vogal média do adjetivo *grosso* apresentar um timbre vocálico diferente do atual. Outro caso de rima, em *Os Lusíadas*, que admitiria uma explicação etimológica é o que envolve os vocábulos *espelho* e *velho*, já que a origem histórica determina uma vogal tônica aberta tanto para *velho*, quanto para *espelho*: *vētulus* e *spēcūlum*.

As demais rimas de *Os Lusíadas* contendo o vocábulo *velho*, no entanto, correspondem aos casos em que a rima não pode ser justificada por meio do recurso histórico, já que a procedência latina das vogais médias indica fonemas vocálicos diferentes, entre os termos rimantes. Em outras palavras, as rimas *velho/conselho/aparelho*, *velho/aparelho/vermelho* e *conselho/velho/aparelho* não podem ser explicadas com base na etimologia de cada termo porque a origem latina determina, para *velho* (lat. *vētulus*), uma vogal média aberta (/ɛ/), na sílaba tônica, ao passo que, para os demais termos que compõem os grupos rimantes – *conselho* (lat. *consilium*), *aparelho* (lat. *appariculāre*) e *vermelho* (lat. *vermīculus*) – a etimologia estabelece uma vogal média fechada (/e/), na posição acentuada. Para citar mais alguns exemplos entre as rimas envolvendo apenas

nomes, vale dizer que a origem histórica também determina fonemas vocálicos diferentes para os termos rimantes em *aquele* (lat.: *eccu ille*) / *ele* (lat.: *ille*) / *pele* (lat.: *pēllis*) e em *modo* (lat. *mōdus*) / *todo* (lat. *tōtus*).

Diante desses dados, parece evidente que o modelo de rima empregado em *Os Lusíadas* não corresponde ao que observamos nas CSM. Estudiosos (cf. Cunha, 1985; 1991) afirmam que, no século XVI (após Gil Vicente, na verdade), era comum, na poesia portuguesa, rima entre vogal média aberta e fechada. Pode estar baseada nessa afirmação a explicação para as rimas de Camões acima discutidas. Contudo, acreditamos que dizer, simplesmente, que era comum, na época, rima entre vogal média aberta e fechada significa reduzir demais as possibilidades de interpretação que os dados deste trabalho proporcionam. É preciso, antes, traduzir as pistas que esse tipo de rima pode estar revelando sobre as vogais médias da época.

Talvez seja o caso de dizer que, naquele momento da língua, houve uma certa confusão em relação ao timbre das vogais médias portuguesas, o que teria acarretado variação na pronúncia – daí a possibilidade de rima. Pode-se dizer, inclusive, que tal confusão não acontecia, muito provavelmente, no período trovadoresco, a julgar pelas rimas das CSM, que só indicaram uma possível variação na pronúncia da vogal tônica da terminação *-ela*, em palavras como *ela*, *aquela* e *donzela*.

Um argumento a favor dessa hipótese é o fato de a diferença de timbre entre as vogais médias do português ser sutil e, muitas vezes, frágil, suscetível à variação. Alguns termos, ainda hoje, variam quanto à pronúncia da vogal média tônica, ou seja, ainda não apresentam um único timbre estabelecido (ex.: *f[ɛ]cha* ~ *f[e]cha*, *sap[ɛ]* ~ *sap[e]*, *T[e]jo* ~ *T[ɛ]jo*, *p[o]ça* ~ *p[ɔ]ça* etc.).⁹ Outro dado a ser considerado é o fato de haver, no galego atual, variação na pronúncia da vogal tônica de alguns dos termos referidos neste trabalho: *l[e]da* ~

⁹ Estamos considerando, nesses exemplos, apenas pronúncias referentes ao português do Brasil – variedade culta de São Paulo, precisamente.

l[ɛ]da, quer[e]la ~ quer[ɛ]la, aqu[e]la ~ aqu[ɛ]la, [e]la ~ [ɛ]la, [e]u ~ [ɛ]u, m[e]u ~ m[ɛ]u, s[e]u ~ s[ɛ]u, t[e]u ~ t[ɛ]u, f[ɔ]go ~ f[o]go, x[ɔ]go ~ x[o]go (jogo), n[ɔ]vo ~ n[o]vo, son[o]ro ~ son[ɔ]ro (cf. *Dicionário de pronúncia da língua galega*). Vale comentar, ainda, o caso de palavras como *velho* e *vermelho*, que rimam entre si, na obra épica de Camões. Enquanto no Brasil, há uma clara diferença entre as terminações desses vocábulos, porque apresentam vogais médias distintas, do ponto de vista fonológico (*v/ɛ/lho* e *verm/e/lho*), em Portugal, por vezes, essa diferença não é assim tão evidente, em virtude da influência da consoante palatal (/ʎ/) da sílaba seguinte (veja-se nota 5). Todos esses dados permitem-nos considerar a possibilidade de as rimas de *Os Lusíadas* não serem, afinal, “imperfeitas”.

Além disso, há, no português atual, poucos exemplos de pares mínimos envolvendo os fonemas /e/ e /ɛ/, assim como /o/ e /ɔ/. As rimas apresentadas neste item do trabalho podem estar revelando, inclusive, que o português esteve a um passo de adquirir uma fonologia semelhante à do espanhol, em que a distinção de timbre entre as vogais médias não é fonológica. Não se pode desprezar, nesse caso, o fato de que os falantes de português tinham um contato frequente com a língua castelhana na época.

Outro ponto que merece ser discutido, quando o assunto é a diferença de timbre entre as vogais médias da língua, na posição acentuada, é o caso da flexão verbal do português. Segundo Mateus (2003), na primeira pessoa do singular do presente (indicativo e subjuntivo), ocorre harmonização¹⁰ entre a vogal média tônica e a vogal temática dos verbos, nas três conjugações (*-ar, -er, -ir*). De acordo com a autora, a vogal temática, antes de ser suprimida, deixa o seu traço de altura flutuante, que se liga à vogal subespecificada (o que ocorre antes da colocação do acento). Assim, na primeira conjugação, a vogal média fica aberta (*levo, leve, moro, more*), por

10 De acordo com Xavier e Mateus (1990, p.200), a harmonia vocálica corresponde “ao modo como a articulação de uma vogal é influenciada pelas propriedades de outra(s) vogal(ais) na mesma palavra ou no mesmo grupo de palavras”.

influência da vogal temática *a*; na segunda conjugação, a vogal média é fechada (*devo, deva, movo, mova*), por influência da vogal temática *e*; e na terceira conjugação, a vogal tônica torna-se alta (*firo, fira, durmo, durma*), por influência da vogal temática *i*. Há, entretanto, algumas exceções a essa regra: *chego, quero, peço* e *impeço*, por exemplo.

No que diz respeito ao abaixamento da vogal média, nas segunda e terceira pessoas do singular, e na terceira pessoa do plural, também no presente do indicativo e subjuntivo, Mateus (2003) explica que, nos casos em que a vogal temática não é suprimida, após a colocação do acento, a vogal média recebe o traço [+baixo] (ex.: *levas, moras, deves, moves, feres, dormes*). Cabe observar que tal regra só se aplica a vogais que não apresentem o traço [+alto] (*i, u*), nem o traço [+baixo] (*a*), ou seja, deve ser uma vogal média. No caso da presença do traço [+alto], há exceções para a vogal posterior: *fugir* e *subir*, por exemplo.¹¹

Mateus (2003) mostra que autores como Williams (1975[1938]) e Piel (1944) explicam essa alternância vocálica, nos verbos do português, a partir de analogia e assimilação com a vogal átona final (ou com a semivogal de alguns verbos latinos), mas não mencionam a influência da vogal temática. Para Williams (1975[1938]), nos verbos regulares das segunda e terceira conjugações, com vogal breve no radical latino (ex.: *verter, volver, servir, dormir*), a diferença de timbre entre a vogal tônica da primeira pessoa do singular e a das demais pessoas (nas formas rizotônicas) do presente do indicativo deve-se à influência da vogal átona final *-o*, marca de primeira pessoa. Segundo o autor, no português antigo, essa assimilação ainda não ocorria e, portanto, as vogais tônicas eram médias abertas, na segunda conjugação (*v[e]rto, v[o]lvo*), e médias fechadas, na terceira conjugação (*s[e]rvo, d[o]rmo*), por influência da semivogal latina (*sěrvĭo, dŏrmĭo*). No que diz respeito ao presente do subjuntivo,

11 Para conhecer outras propostas de análise fonológica à alternância vocálica envolvendo determinadas formas verbais do português, veja-se o trabalho de Battisti e Vieira (2005).

o autor declara que a vogal média fechada ocorre por analogia às formas do indicativo.

Diante dessas asserções, Mateus (2003) indaga qual seria a explicação para a ocorrência da vogal média aberta em formas que, no latim, não apresentavam uma vogal média breve, mas outras vogais, que originaram, no português, vogais médias fechadas: d[ɛ]ve (dēbet), s[ɔ]be (sūbīt), t[ɔ]sse (tūssīt).

Observando os dados arrolados em (20) e (21), verifica-se que muitas das rimas apontadas envolvem justamente as formas verbais do presente. Entre esses dados, merecem destaque as rimas contendo os verbos *pedir* e *chegar*, que representam uma exceção à regra de harmonização vocálica anteriormente referida, conforme acima mencionado. A rima *atreve/deve/teve* também traz um componente que merece apreço: o verbo *dever* (lat. *dēbēre*), mencionado, acima, como um exemplo de que a origem latina não é suficiente para explicar todos os casos de abaixamento vocálico entre os verbos do português atual (ex.: *deve, debes* etc.). A ocorrência dessas formas verbais, nas rimas de *Os Lusíadas*, leva-nos a refletir sobre a atuação dos processos de harmonia e abaixamento vocálicos no português antigo. Parece aceitável a ideia de que, no século XVI, essas regras ainda não estivessem totalmente estabelecidas e, em virtude de uma confusão envolvendo a origem histórica dos verbos e a aplicação de processos fonético-fonológicos, fosse comum, entre os falantes da época, uma variação na pronúncia dessas formas verbais do presente. Nossa proposta é a de que, no português falado por Camões e seus contemporâneos, as regras de harmonização e abaixamento estavam começando a atuar na flexão verbal, porque o que prevalecia, até então, era o timbre vocálico correspondente ao étimo latino (ex.: *pētēre, plicare, dēbēre, escaecer, quaerere*). Vale dizer que, em muitos casos, é esse timbre correspondente à origem histórica que permanece no português atual (ex.: *peço, peça, chego, chega, quero, deseja* etc.), e não o timbre resultante dos processos fonético-fonológicos referidos. Para alguns desses casos (*chegar*, por exemplo), poderíamos admitir a hipótese de a atuação dos processos fonético-fonológicos terem perdido força, ao longo da história da língua, de modo

que suas formas do presente (indicativo e subjuntivo) representam, hoje, uma exceção à aplicação das regras de harmonia e abaixamento.

No caso das rimas de *Os Lusíadas* envolvendo nomes, merece atenção o fato de grande parte dos vocábulos envolvidos terminarem em *-a* ou *-o*: vogais tradicionalmente apontadas como gatilho em processos de metafonia, responsáveis pela abertura e fechamento de fonemas vocálicos. Tal razão autoriza-nos a suspeitar da influência dessas vogais na pronúncia da vogal tônica de termos como *preta* (*pr[ɛ]ta*), *pureza* (*pur[ɛ]za*), *vencedora* (*venced[ɔ]ra*), *modo* (*m[o]do*) etc., no português antigo. Essa hipótese tem respaldo em outros dados – alguns já discutidos neste trabalho, referentes a mudanças de timbre vocálico, por influência, ao que tudo indica, da vogal átona final *-a* e *-o*: *gloriosa*, *formosa*, *essa*, *promessa*, *jogo*, *fogo*, *senhora*, entre outros exemplos.¹² Um argumento a favor dessa hipótese é o fato de muitos desses nomes serem pronunciados, no galego atual, com uma vogal média tônica diferente daquela que apresentam no português de hoje: *pr[ɛ]ta*, *sos[ɛ]go* (*sossego*), *ap[ɛ]rto*, *[ɛ]rro*, *gov[ɛ]rno* (*governo*), *desesp[ɛ]ro*, *c[ɛ]lo* (*zelo*), segundo o *Dicionario de pronuncia da lingua galega*. Importa dizer que, caso tivéssemos, no português atual, uma pronúncia como a do galego, para alguns desses termos, não teríamos a seguinte distinção entre nomes e verbos: (*o*) *soss[ɛ]go* – (*eu*) *soss[ɛ]go*, (*o*) *ap[ɛ]rto* – (*eu*) *ap[ɛ]rto*, (*o*) *[ɛ]rro* – (*eu*) *[ɛ]rro*, (*o*) *gov[ɛ]rno* – (*eu*) *gov[ɛ]rno*, (*o*) *desesp[ɛ]ro* – (*eu*) *desesp[ɛ]ro*, (*o*) *z[ɛ]lo* – (*eu*) *z[ɛ]lo* etc.

À luz desses fatos, somos levados a acreditar que, no início do português moderno, já atuavam, entre as vogais tônicas da língua, processos fonético-fonológicos de natureza assimilatória tais como

12 Com base em teorias mais recentes da Fonologia, pode-se dizer que o processo de metafonia nominal, proposto pelas gramáticas históricas da língua, é discutível, porque reconhece a influência de uma vogal átona na realização de uma vogal tônica, contrariando, por exemplo, o princípio de Fidelidade Posicional (cf. Beckman, 1997). Contudo, na ausência de uma justificativa mais adequada para a mudança no timbre da vogal tônica dos termos referidos, optamos por não desprezar, no presente estudo, a explicação tradicional baseada no processo de metafonia.

a harmonia vocálica e a metafoia, por exemplo. As rimas das CSM, analisadas na subseção anterior, sugeriram que, no século XIII, o timbre das vogais médias, na posição acentuada, ainda correspondia à origem latina (ex.: [e]ssa, prom[e]ssa, env[e]lja, ferm[o]sa, glori[o]sa, f[ɔ]go, j[ɔ]go etc.). As rimas de *Os Lusíadas*, por seu turno, sugerem que, no século XVI, a atuação dos processos assimilatórios referidos passou a interferir na pronúncia das vogais tônicas da época, surgindo, assim, uma variação entre formas etimológicas, de um lado, e formas fonéticas, de outro. No decorrer da história da língua, essa variação foi diminuindo e estabeleceram-se os timbres vocálicos atuais. Em alguns casos, prevaleceu a variante fonética (ex.: [ɛ]ssa, prom[ɛ]ssa, env[ɛ]lja, av[ɛ]sso, esp[ɛ]lho, form[ɔ]sa, glori[ɔ]sa, senh[ɔ]ra, f[o]go, j[o]go, n[o]vo), em outros, a variante etimológica (ex.: v[ɛ]lho, l[ɔ]go, m[ɔ]do).

Por fim, é interessante acrescentar que, entre tantas rimas possíveis, em *Os Lusíadas*, a divisão envolvendo a terminação *-eu*, nas CSM, permanece na obra épica de Camões. Verificamos que, em *Os Lusíadas*, como nas cantigas afonsinas, verbos de segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo, não rimam com os vocábulos terminados em *-eu*. Esses verbos, inclusive, são grafados somente com a terminação *-eo* (ex.: *perdeo*, *venceo*, *escondeo*) na obra de Camões. Particularmente em relação à terminação *-eu*, verificamos que ocorre em apenas duas rimas de *Os Lusíadas*, a saber:

(22)

Mais ladrões castigando aa morte *deu*,
Que o vagabundo Alcides, ou *Theseu*.
(Canto III, 137^a estrofe)

(23)

Nesta remota terra, hum filho *teu*
Nas armas contra os Turcos serâ claro,
Ha de ser dom Christovão o nome *seu*,
Mas contra o fim fatal não ha reparo:

Ve ca a Costa do mar, onde te *deu*
 Melinde hospicio gasalhoso e caro
 O Rapto rio nota, que o romance
 Da terra chama Obi, entra em Quilmance.
 (Canto X, 96ª estrofe)

Vale lembrar que a rima entre a forma verbal *deu* e pronomes como *meu*, *teu*, *seu* e *eu* já ocorria nas CSM. O verbo *dar*, de primeira conjugação, é o único que aparece rimando, nas obras estudadas, com os pronomes referidos, e não rima, portanto, com os verbos de segunda conjugação flexionados na forma correspondente. A propósito, em *Os Lusíadas*, a forma verbal *deu* diferencia-se das demais, por ser a única grafada com terminação *-eu*, e não *-eo*. Vejamos alguns exemplos de rima envolvendo a terminação *-eo* nos versos de Camões:

(24)
 Isto dizendo yrado, e quasi insano,
 Sobre a terra Affricana *descendeo*,
 Onde vestindo a forma e gesto humano,
 Pera o Prasso sabido se *moveo*.
 E por melhor tercer o astuto engano,
 No gesto natural se *converteo*,
 Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
 Velho, sabio, e co Xequo muy valido.
 (Canto I, 77ª estrofe)

(25)
 Desta arte em fim tomada se *rendeo*,
 Aquella que nos tempos ja passados
 Aa grande força nunca *obedeceo*,
 Dos frios povos Sciticos ousados:
 Cujo poder a tanto se *estendeo*,
 Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados.
 (Canto III, 60ª estrofe)

(26)

Aparta o Sol a negra escuridade,
 Removendo o temor ao pensamento:
 Assi no Reino forte *aconteceo*,
 Depois que o Rei Fernando *falleçeo*.
 (Canto IV, 1ª estrofe)

Cunha (1985; 1991), baseado em demais rimas da época, declara que, no século XVI, a vogal média dos pronomes *eu* e *meu*, por exemplo, já não era aberta, como no século XIII. A explicação de Cunha (1985; 1991) para não haver rima, ainda no século XVI, entre esses termos (*eu*, *meu*, *teu*, *seu*, *judeu* etc.) e os verbos referidos baseia-se na vogal átona final dessas formas verbais: o autor acredita que a nova grafia, com -o átono final (*morreo*, *venceo*, *viveo*), e não mais com -u (*morreu*, *venceu*, *viveu*), adotada na obra de Camões, indica que a pronúncia dessa semivogal não seria a mesma que em *eu* e *meu*, por exemplo.

Considerando-se as hipóteses levantadas neste trabalho sobre as rimas de *Os Lusíadas* e as vogais médias da época, parece apropriada a proposta de Cunha (1985; 1991) de que não é a vogal média que está impedindo uma rima entre *meu* e *morreu*, por exemplo.

Além disso, vale dizer que, para a terminação -*eo(s)*, também registramos, nos versos de Camões, rima entre vogais médias que, no português atual, apresentam timbres diferentes:

(27)

Trouxe o filho de Iapeto do *Ceo*
 O fogo que ajuntou ao peito humano,
 Fogo que o mundo em armas *accendeo*
 Em mortes, em desonras (grande engano)
 Quanto melhor nos fora *Prometeo*,
 E quanto pera o mundo menos dano,
 Que a tua estatua Illustre não tivera
 Fogo de altos desejos, que a movera.
 (Canto IV, 103ª estrofe)

(28)

Ia a vista pouco e pouco se desterra
 Daquelles pátrios montes que ficavão,
 Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
 De Sintra, e nella os olhos se alongavão:
 Ficavamos tambem na amada terra
 O coração, que as magoas lâ diyxavão,
 E ja despois que toda se *escondeo*
 Não vimos mais em fim que mar e *ceo*.
 (Canto V, 3ª estrofe)

(29)

E do primeiro Illustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os *Ceos*,
 Serey eterna e nova sepoltura
 Por juizos incognitos de *Deos*:
 Aqui porà da Turca armada dura
 Os soberbos e prosperos *tropheos*,
 Comigo de seus danos o ameaça
 A destruida Quiloa com Mombaça.
 (Canto V, 45ª estrofe)

Para Cunha (1985; 1991), no século XVI, a vogal média de *Deos* também já não era aberta, como no século XIII, e os dados apresentados acima constituem um exemplo claro de que, na época de Camões, era comum rima entre vogais médias abertas e fechadas, fruto da técnica versificatória implantada por Gil Vicente:

Foi, em verdade, o grande dramaturgo português – provavelmente influenciado pelo sistema fonológico do espanhol, que não opõe /e/ a /ɛ/ nem /o/ a /ɔ/ – quem introduziu na versificação portuguesa a liberdade de rima entre vogais tônicas abertas e fechadas, liberdade que se estendia também aos ditongos. (Cunha, 1991, p.923)

Aceitamos, neste trabalho, a interpretação de Cunha (1985; 1991), com a ressalva de que não basta, simplesmente, afirmar que era comum, na época, dispor em rimas vogais médias abertas e fechadas. O novo esquema rímico, introduzido por Gil Vicente na poesia portuguesa e desconhecido, portanto, dos trovadores, autoriza-nos a considerar a hipótese de haver, no século XVI, uma variação na pronúncia das vogais médias tônicas do português.

Desse modo, o presente estudo vem propor que as rimas de *Os Lusíadas*, ao contrário do que possam parecer, à luz de dados atuais, não eram imperfeitas na época em que foram empregadas. Se os vocábulos analisados foram dispostos em rima pelo poeta do século XVI, não é recusável a ideia de que havia uma perfeita correspondência entre os fonemas rimantes, em alguma(s) das pronúncias recorrentes no português de então.

Considerações finais

Diante do que foi apresentado ao longo deste capítulo, pode-se dizer que o presente trabalho, por meio da análise das rimas dos textos poéticos remanescentes dos séculos XIII e XVI, trouxe informações relevantes sobre a pronúncia das vogais médias tônicas do português antigo.

A partir da observação das rimas empregadas nas cantigas medievais religiosas, Fonte (2010) obteve pistas que sugerem uma distinção de timbre, na posição acentuada, entre as vogais médias do PA (fase trovadoresca). As rimas de *Os Lusíadas*, por seu turno, levam-nos a acreditar que, no início do português moderno, pelo menos, havia variação na pronúncia de determinados termos – e isso foi refletido nas rimas da poesia da época. Em alguns casos, a variação resultou em mudança, ao longo da história da língua. Em outros, todavia, a variação cedeu em favor de pronúncias correspondentes ao étimo latino.

Este trabalho, portanto, vem atestar a importância dos textos poéticos no estudo de propriedades fonéticas de períodos remotos

da língua, dos quais não se tem qualquer registro oral. Mostramos, ao longo deste capítulo, que determinadas características fônicas do português antigo só podem ser apreendidas por meio da análise das rimas da poesia de antanho. Pode-se dizer, enfim, que as rimas dos textos poéticos antigos são capazes de reproduzir (ou ecoar), de certo modo, as vozes do passado.

Referências bibliográficas

- BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996. p.165-201.
- BECKMAN, J. *Positional Faithfulness*. Doctoral dissertation, University of Massachusetts, Amherst, 1997.
- BETTI, M. P. *Rimario e Lessico in Rima delle Cantigas de Santa Maria di Alfonso X di Castiglia*. Pisa: Pacini Editore, 1997.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979. (1 ed. Brasileira em 1975)
- CAMÕES, L. V. de. *Os Lusíadas*. 1 ed. (1572). Versão digitalizada. In: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or633602.pdf. Acesso: 05 nov. 2014.
- COROMINAS, J.; PASCUAL, J. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 1980-1991. (vols. I-VI)
- COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 6 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- CUNHA, C. O valor das finais *-eu* e *-eo* na língua portuguesa do século XVI. In: *Actes du XVII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes* (Aix-en-Provence, 29 août-3septembre 1983), vol. III, Aix-en-Provence – Marseille, 1985, p. 272-278.
- CUNHA, C. Valor das grafias *-eu* e *-eo* na língua portuguesa do século XIII ao século XVI. In: *Estudos Portugueses. Homenagem a Luciana Stegagno Picchio*. Lisboa, Difel, 1991, p. 913-927.
- DICIONARIO de pronuncia da lingua galega. Disponível em: <http://ilg.usc.es/pronuncia/?q=&l=1>. Acesso: 05 nov. 2014.

- FONTE, J. S. *Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- LEÃO, A. V. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.
- LEITE DE VASCONCELLOS, J. *Lições de Filologia Portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.
- MATEUS, M. H. M. A harmonização vocálica e o abaixamento de vogais nos verbos do português. In.: *Língua Portuguesa: estruturas, usos e contrastes*. Volume comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto. Porto, 2003.
- _____.; ANDRADE, E. de. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University, 2000.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1946.
- NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: fonética e morfologia*. 6 ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1960.
- PARKINSON, S. R. As *Cantigas de Santa Maria*: estado das questões textuais. *Anuario de estudios literarios galegos*, Vigo, p.179-205, 1998.
- PIEL, J. M. A flexão verbal do português: estudo de morfologia histórica. *Biblos*, n. 20, p.395-404, 1944.
- RAMOS, M. A. Nota Lingüística; Critérios de edição; Normas de transcrição. In: GONÇALVES, E.; RAMOS, M. A. *A lírica galego-portuguesa (textos escolhidos)*. 2 ed. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985. p.81-127.
- SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo Dicionário Latino-Português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* 12 ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.
- SILVA NETO, S. da. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.
- SOUZA, J. B. P. E. *Rimário de Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Edições Pedagógicas, 1948.
- SOUZA, N. de. *Um estudo da ortografia da obra Os Lusíadas (1572) de Luís de Camões*. Campinas, 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL/UNICAMP, Campinas, 2009.

WILLIAMS, E. B. *Do Latim ao Português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. (1 ed. em 1938)

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (Org.). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990. v. 1.